

Do ingresso e presença de Quilombolas na Universidade Brasileira

Mônica Maria Teixeira Amorim¹

Najla Moana Pereira Souza²

Rosemeire Alves de Souza³

Wellington Coimbra Ferreira⁴

Resumo: Neste artigo objetivamos contribuir com a reflexão acerca da presença e permanência de quilombolas e dos seus saberes na universidade brasileira. O trabalho resulta de um “diálogo” estabelecido com três mulheres negras quilombolas: Rosimeire, Maria das Dores e Olindina Serafim. Os dados foram obtidos a partir da articulação entre uma fala proferida pela Rosimeire, ocorrida em uma mesa de discussão durante um Congresso Nacional de Pesquisa em Educação em julho de 2022, e duas entrevistas realizadas com Maria das Dores e Olindina Serafim em novembro de 2022. Consideramos que as reflexões trazidas pelas interlocutoras reforçam a imprescindibilidade da entrada e permanência de quilombolas na universidade, assim como dos seus saberes, reiterando indicações de Gomes (2007;2017) e Horácio (2022), entre outros, quanto à necessária atenção aos saberes dos povos e comunidades tradicionais e suas lutas.

Palavras-chave: Quilombolas. Universidade. Ingresso. Permanência.

1

On the admission and presence of Quilombolas at the Brazilian University

Abstract: In this article we aim to contribute to the reflection about the presence and permanency of quilombolas and their knowledge in the Brazilian university. The work results from a “dialogue” established with three black quilombola women: Rosimeire, Maria das Dores and Olindina Serafim. Data were obtained from the articulation between a speech given by Rosimeire, which took place at a discussion table during a National

¹ Doutora em Educação pela UFMG. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), *campus* Montes Claros. Minas Gerais, Brasil. E-mail: monica.amorim@unimontes.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3537-2686>.

² Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), *campus* Montes Claros. Minas Gerais, Brasil. E-mail: moanasouza17@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3913-0614>.

³ Especialista em políticas públicas de gênero, raça e etnia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Quilombola da comunidade de Alegre, em Januária-MG, Brasil. Professora da educação básica. rosimeire.alves.souza@educacao.mg.gov.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4121-6049>.

⁴ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), *campus* Montes Claros. Minas Gerais, Brasil. E-mail: wellcoimbra213@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3734-9519>.



Congress of Research in Education in July 2022, and two interviews carried out with Maria das Dores and Olindina Serafim in November 2022. We consider that the reflections brought by the interlocutors reinforce the indispensability of the admission and permanency of quilombolas in the university, as well as their knowledge, reiterating indications of Gomes (2007; 2017) and Horácio (2022), among others, regarding the necessary attention to the knowledge of the traditional peoples and communities and their struggles.

Keywords: Quilombolas. University. Admission. Permanency.

Sobre la admisión y presencia de quilombolas en la universidad brasileña

Resumen: En este artículo pretendemos contribuir a la reflexión sobre la presencia y permanencia de los quilombolas y su saber en la universidad brasileña. La obra resulta de un “diálogo” establecido con tres mujeres negras quilombolas: Rosimeire, Maria das Dores y Olindina Serafim. Los datos se obtuvieron a partir de la articulación entre un discurso de Rosimeire, que tuvo lugar en una mesa de discusión durante un Congreso Nacional de Investigación en Educación en julio de 2022, y dos entrevistas hechas con Maria das Dores y Olindina Serafim en noviembre de 2022. Consideramos que las reflexiones traídas por los interlocutores refuerzan la indispensabilidad del ingreso y permanencia de los quilombolas en la universidad, así como su conocimiento, reiterando indicaciones de Gomes (2007;2017) y Horacio (2022), entre otros, en cuanto a la necesaria atención a el conocimiento de los pueblos y comunidades tradicionales y sus luchas.

Palabras clave: Quilombolas. Universidad. Ingreso. Permanencia.

2

1 Introdução

Neste artigo objetivamos contribuir, de modo específico, com a reflexão acerca da presença e permanência de quilombolas e dos seus saberes na universidade brasileira. O trabalho resulta de um “diálogo” empreendido com três mulheres negras quilombolas - Rosemeire Alves de Souza, quilombola da comunidade de Alegre em Januária-MG, Maria das Dores Fernandes Vitor, da comunidade Quilombola Macaúbas Curral em Bocaiúva-MG, e Olindina Serafim, da Comunidade de Córrego do Sapato, Quilombo de Sapê do Norte, no Espírito Santo⁵. As três nos apresentam importantes vivências, potentes saberes, necessárias questões. Suas falas nos trazem igualmente um conjunto de dificuldades que enfrentaram em suas trajetórias de ingresso e permanência na universidade, bem como tratam de desafios que os quilombolas encontram, e das resistências que os saberes quilombolas sofrem na universidade ainda com traços marcadamente positivistas. O “diálogo” estabelecido com as três interlocutoras é,

⁵ A publicização das falas no corpo deste texto foi autorizada pelas três interlocutoras.

designadamente, uma articulação entre uma fala de Rosimeire em uma mesa de discussão que ocorreu durante o XIII Congresso Nacional de Pesquisa em Educação (COPED)⁶, cujo tema foi “Povos e comunidades tradicionais na universidade brasileira” -, uma entrevista com Maria das Dores em novembro de 2022, em que ela optou por fazer uma fala direta sobre as dificuldades da entrada e permanência de quilombolas da universidade, e uma entrevista com Olindina Serafim, também ocorrida em novembro de 2022⁷.

Iniciamos com Rosimeire Alves de Souza, para depois compartilharmos a fala de Maria das Dores e, em seguida, a entrevista de Olindina Serafim. Ao final tecemos as nossas considerações, buscando com elas, e com este artigo, agregar e articular as importantes reflexões dessas três mulheres negras quilombolas. Almejamos que esse texto em conjunto reforce a imprescindibilidade da entrada e permanência de quilombolas na universidade, mas também dos seus saberes.

2 Com a palavra: Rosimeire Alves de Souza

Sou Rosemeire Alves de Souza, quilombola da comunidade de Alegre, em Januária_MG, escritora, poeta, graduada em Letras-Português pela Unimontes, especialista em políticas públicas de gênero, raça e etnia pela UFOP, membro da comissão permanente de educação escolar quilombola da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, professora da educação básica.

Para nós enquanto Comunidades Quilombolas, comunidades tradicionais, é um prazer muito grande fazermos parte de um evento como esse, de tal significância para a educação. É um prazer também, estar representando as comunidades tradicionais. Nós sabemos da história, nós acompanhamos a história do nosso povo ao longo do tempo e vimos, presenciamos, um certo apagamento da cultura negra, da memória, dos fundamentos que embasam os nossos direitos. Então, acredito que a universidade é o caminho para os nossos jovens, assim teremos jovens empoderados, capazes de lutar

⁶ Evento ocorrido em junho de 2022, na Universidade Estadual de Montes Claros.

⁷ Para estabelecer o diálogo com a fala da Rosimeire, que versou sobre da presença e permanência de quilombolas na universidade brasileira, buscamos realizar entrevistas focalizadas com Maria e Olindina. Este tipo de entrevista, segundo Gil (1999, p.120), “enfoca um tema bem específico” e “permite ao entrevistado falar livremente”. Assim, dirigimos uma questão bem específica para Maria e Olindina, questão essa alinhada ao tema da fala de Rosimeire.

pelos seus direitos, pelos próprios direitos e das Comunidades Quilombolas, as quais represento aqui.

Eu sou da Comunidade quilombola de Alegre, situada no município de Januária, Minas Gerais. Nós temos uma história, são famílias de agricultores, pescadores, ribeirinhos, artesãos. Temos jovens na universidade, pessoas que tiveram suas vidas transformadas pela educação. Não é uma luta que começou agora, é uma luta já de muito tempo. Esses jovens ingressados na Unimontes, no IFNMG e em outras, fazem muita diferença para nós, pois dão oportunidade de levar para a universidade a história da comunidade, de toda uma luta e resistência, além de trazer para o seu povo, novos conhecimentos. Esperamos que esses jovens que adentram, que ingressaram nas universidades, retornem para as comunidades para poder entregar o que foi aprendido. Temos a importante missão de conservar o conhecimento, a memória, a nossa ancestralidade, a história do nosso povo, a resistência que tivemos para conseguirmos estar aqui hoje, mas para isso, precisamos também, ocupar os espaços e a educação é um deles. Precisamos ter conhecimentos para que isso seja realmente levado em consideração e ser trabalhado junto para nos fortalecer. Podemos usar a ciência ao nosso favor, associar os ensinamentos e vivência dos nossos ancestrais que é sagrado, do científico. Então, é muito importante e fundamental as políticas públicas que possibilitam a entrada desses jovens e não-jovens, das pessoas negras na universidade.

Infelizmente, vivemos em um país racista. O racismo é estrutural na sociedade, a desigualdade é muito grande ainda, apesar dos nossos avanços. O processo que se deu a partir da “abolição da escravatura” e a gente acompanhou, na verdade não aconteceu assim, houve a “dita” abolição da escravatura, fomos simplesmente jogados na sociedade, sem nenhum direito. Nós não tivemos direito a moradia, saúde, educação, ficamos literalmente às margens da sociedade e essa crueldade (vamos dizer assim), nos traz reflexos negativos até hoje. Embora a gente já tenha conquistado alguns avanços, como eu já disse, temos ainda uma lacuna que dificilmente será preenchida, essa defasagem, causada pela opressão vivida e que hoje a gente luta para remediar, para tentar minimizar os danos causados, e isso, quando se refere a educação é patente, isso é possível através das políticas afirmativas, as políticas públicas de ingresso das pessoas negras nas Universidades que é tão importante para nós. Essa defasagem vem inclusive na questão do ensino da história na sociedade. Não se falava das contribuições do nosso povo na formação desse país, na cultura, nas artes, na culinária. Não se trata de sermos mais ou

menos inteligentes, mas, de direitos que foram tirados, e isso deu uma abertura para a sociedade achar que estamos com “*mimimi*”. Quando requeremos os direitos não acham justo, penso que precisamos contar o nosso lado da história, dessa privação há muitos anos atrás e que reflete até hoje. Então a gente sofreu um apagamento da nossa história, não só da cultura, mas sofremos um apagamento da força que foi o negro, o nosso povo, na construção do país. Sabemos que temos uma história linda de resistência e participação nessa construção, e esse posto nos foi negado, não se contou a história de luta e resistência inclusive nas escolas, nas universidades, não se contavam essa experiência, se contava sim, a parte do sofrimento que quase sempre mostrava o negro aceitando tudo passivamente, mas a parte de resistência, da luta, das conquistas, de como nós contribuimos para o país, para a construção do país, isso foi omitido. E isso é uma coisa muito séria.

5

Eu penso que o ingresso dos quilombolas, do povo negro na universidade, além de um direito, possibilita essa tentativa de reverter essa história e para isso precisamos ocupar os espaços. Precisamos passar para a sociedade a nossa real história, a nossa história de luta, de resistência, de conquistas para ter conhecimento e a consciência que o que requeremos é nosso por direito, conquistado através de lutas de homens e mulheres lá atrás, desde a formação dos primeiros quilombos. E foram a partir e através dessas lutas que nos possibilitou as conquistas que temos hoje. O ingresso na universidade para nós, significa muito além de um conhecimento que vamos ter, de uma profissão simplesmente, ele significa um empoderamento da pessoa quilombola que vai poder empoderar, inspirar, e ser referência para outros quilombolas. Devido a essas opressões, nós dos quilombos fomos limitados e obrigados a viver na invisibilidade, devido a questões já citadas. Hoje a maioria dos quilombos são distante dos grandes centros, das informações, mas cada vez mais querem visibilidade, então esse jovem que ingressa na universidade, é mais possibilidades de esperança e desenvolvimento para as comunidades. A partir do momento que nós temos o conhecimento dos costumes da nossa ancestralidade, da oralidade, junta-se com conhecimento, com o conhecimento científico, com o conhecimento de leis, conhecimento de direitos, conhecimento que a gente tem e que as pessoas precisam ter para poder buscá-los, e a universidade é de suma importância nesse processo.

Particularmente falando do papel da universidade na minha vida, eu como tantos quilombolas da minha geração, não tive a oportunidade de estudar no período que era o

6

correto, na infância, adolescência. Precisei parar de estudar na 4ª série por impossibilidade mesmo, por necessidade, por precisar trabalhar, para ajudar a minha família. Somente após muitos anos, pude voltar para escola e realizar um sonho, que a princípio era somente cursar o ensino médio (na época era um sonho distante), mas que depois a educação foi me oferecendo novas possibilidades e mostrando que eu poderia ir além. Cursei Letras Português pela Unimontes, me especializei e sou professora. A universidade teve um papel fundamental para mim, para o meu desenvolvimento, foi um divisor de águas na minha vida, além de conhecer e perceber a necessidade e importância da nossa participação nesse meio, me redescobri enquanto pessoa negra, pessoa preta. Eu acho que essa descoberta é um processo, então na universidade esse processo se deu continuidade. Percebi, também, essa lacuna que tem no que diz respeito a cultura, na sociedade, a história real do nosso povo, do povo negro. Essa descoberta me fez posicionar de forma diferente na sociedade, vi a importância da militância mesmo, do quanto é importante ter pessoas que lutem pelos nossos direitos. E essa militância busca efetivar direitos políticos, direitos de autonomia das comunidades, direito a território. Precisamos nos instruir e instruir os nossos, saber que nós precisamos ter autonomia, não podemos deixar nos influenciar, sabemos o que é melhor para nós e para as comunidades. É necessário ter autonomia, ter esse cuidado e ter esse conhecimento. Esse processo da minha vida enquanto militante, se fortaleceu através da universidade, o conhecimento abre nossos olhos, o aprendizado amplia nossos horizontes. A partir daí passei a trabalhar dessa forma, perceber que tem pessoas, comunidades, não só minha, mas comunidades que precisam de pessoas que vão e que orientem, que trabalhem pelo social, pessoas que vão e que lutem pela efetivação das políticas públicas, pessoas que tenham conhecimento, que possam ler e levar orientações para sua comunidade sem nenhum tipo de interesse e que o povo não mais fique tão exposto as ações externas e ações de pessoas mal intencionadas. A universidade para mim foi um divisor de águas, e tento orientar os nossos jovens a estudar e voltar para as comunidades, para que possamos agregar esse conhecimento, junto ao nosso conhecimento ancestral. Acho importante, e sou uma apaixonada pela leitura, pela escrita, gosto de escrever e escrevo, faço poemas, sempre com a temática quilombola e sua valorização. É importante registrar os nossos costumes, modo de vida, as nossas histórias, escrevermos a nossa história, nossos ensinamentos. Nossa história foi passada de geração para geração, através da oralidade que é uma tradição, a nossa realidade, nossas histórias foram e são contadas, contadas pelos nossos pais, pelos nossos avós, mas é importante também que essas histórias relatadas sejam registradas para que a

gente tenha esse material para trabalhar, e dar visibilidade.

Precisamos contar nossa história, não somente aceitar a história que nos foi contada, mas sim sermos protagonista pois, desde criança os nossos pais contam como eram as lutas, como eram as dificuldades, como eram as coisas boas também, mas isso vai se apagando se além de contarmos para nossos filhos, não tiver registros. A educação possibilita isso para nós, a maioria dos nossos pais e avós são analfabetos, não tiveram a oportunidade que temos. Escrevo poemas sobre a nossa cultura, sobre a nossa realidade, sobre nossas comunidades, acho muito importante ter esses registros. A universidade vai além da possibilidade de se ter uma profissão, a participação, a inserção das comunidades quilombolas, do povo preto, comunidades tradicionais, significa construção de novos caminhos, como foi para mim, será para todo um povo. Temos e teremos referências, alguém em quem meninos e meninas se espelhem e que seja exemplo a ser seguido. Sabemos que as comunidades quilombolas são carentes de representatividade, não por incapacidade, mas sim por falta de oportunidade, devido a tudo que já disse aqui. Vivemos em uma sociedade que dita um padrão e nós não estamos inclusos nesse padrão, esse padrão que está imposto. É preciso que se tenha negros representando em todas as esferas, digo, na política, na educação, temos que ter essa representatividade para podermos ter nas comunidades cada vez mais pessoas ingressadas na universidade mostrando que através do conhecimento, somos capazes de muitas coisas, que elas precisam e que têm direito.

7

As políticas públicas que foram criadas para ingresso nas universidades são fundamentais, inclusive eu sou uma beneficiária dessas políticas. Essa oportunidade de aprendizado fez e pode fazer a diferença na vida de muitas pessoas, muitas comunidades. A democratização do ensino na universidade é primordial para a educação do nosso povo. Como eu já disse também, eu tento sempre trabalhar com isso, quando eu participo, sempre que tenho oportunidade, com os jovens que ingressam na universidade, oriento retornarem para suas comunidades, porque para nós a diferença tá aí, porque se eu vou para a universidade, eu me formo, adquiro conhecimentos, é importante ter uma contrapartida, nossa formação terá muito mais importância ainda. Então é importante que ingressemos na universidade, mas que retornamos para poder aplicar esse conhecimento para o nosso povo. Assim vamos conseguir fazer a diferença, não só na nossa vida, mas impactar positivamente a vida de muitas pessoas de luta, fazer parte dessa luta de políticas também, a partir do momento que ingressa na universidade e tem conhecimento das

políticas públicas, dos direitos de como melhorar as vidas nos quilombos de forma sustentável, e que lute para outras pessoas também conseguirem esse êxito. O conhecimento é maravilhoso, mas precisa ser compartilhado, principalmente falando de comunidades quilombolas que precisa dos nossos envolvidos nas nossas ações.

Temos um conhecimento que veio dos nossos ancestrais e praticamos. Temos o nosso costume, nosso modo de vida, nosso patrimônio material e imaterial que precisa ser respeitado. Ocupar os espaços da universidade é primordial também nesse processo. Percebi também através da Universidade, a importância de trabalhar a temática da educação escolar quilombola nas escolas. Viemos de uma geração que se sentia inferior, fizeram a gente pensar assim, mas já está mudando. Temos e teremos crianças que crescerão empoderadas e que saberão se posicionar com autonomia.

Vou citar um trecho de um dos meus poemas, que fala do território, que é uma coisa importantíssima para nós:

[...]O território para nós tem um valor sem medida
aqui está plantado a nossa história de vida
Podem ver que nos lugares que hoje não moram mais
parte da nossa história foi deixada lá pra trás
Quando nascia um filho uma árvore era plantada
pra crescer junto com eles de mangueira ou de goiaba
Enterrava-se também o umbigo da criança
mesmo se mudasse dali, de voltar tinha-se esperança [...]

Percebemos através desses versos, que o território vai além de um simples espaço, ele conta a história da nossa vida. Então precisamos de pessoas que nos ajude a lutar pela preservação dos quilombolas em seus territórios e pelo território, pessoas das comunidades quilombolas e comunidades tradicionais. Quero agradecer e dizer que pra mim foi um prazer muito grande participar desse evento e dizer que nós queremos sim visibilidade, lutar pelos nossos direitos, efetivação das políticas públicas para podermos conseguir cada vez mais quilombolas nas universidades e que haja a democratização da universidade!

3 A fala de Maria das Dores Fernandes Vitor

Eu, Maria das Dores Fernandes Vitor, nasci na comunidade Quilombola Macaúbas Curral, em Bocaiuva. Sou graduada em Artes Teatro pela Unimontes,

professora na educação básica e atualmente acadêmica no curso Ciências da Religião pela mesma universidade. Estou feliz pela oportunidade de representar uma comunidade que faz parte da minha identidade como mulher negra, apesar de que, para se ter a cidadania quilombola na comunidade a política é ter nascido na comunidade e estar morando no local por mais de 6 meses. Então, aos olhos da política não sou considerada um membro da comunidade quilombola pois já fazem 28 anos que me mudei para a cidade de Bocaiuva. Mas minha breve passagem de seis anos morando por lá e as raízes familiares que ainda tenho na comunidade, e são muitas, me fazem sentir totalmente parte da comunidade. Não posso falar de todas as universidades, mas a Unimontes, pelos meus conhecimentos, tem o sistema de cotas para pessoas de baixa renda, negros e egressos de escola pública, mas não menciona diretamente pessoas de comunidades quilombolas. Antes do acesso a universidade sempre estudei em escola pública, e meu primeiro acesso para ingresso a universidade foi feita pela ampla concorrência pois, no ato da inscrição para o processo seletivo, que na época era feita pela própria universidade, a opção de negros e estudante de escola pública não deu certo, tinha muita burocracia e a documentação não era inserida corretamente, mas consegui entrar, com essas dificuldades e empecilhos que na minha experiência foram dificultadores do processo de acesso ao ensino superior. Nenhuma das vezes entrei pelo sistema de cotas. Na minha segunda graduação tive muita insegurança e o medo de não me aceitarem como mulher negra na universidade me atrapalhou bastante. Fui conhecer o valor que tenho agora, no curso de Ciências da Religião, onde fui muito bem acolhida e respeitada como mulher negra, pesquisadora. E me reconhecendo como mulher negra quilombola, pude perceber o quanto é importante para nossa comunidade ter estudantes do local ingressando em universidades, abrindo as portas para o mercado de trabalho da própria comunidade, levando crescimento intelectual e comercial e também fazendo ser conhecida por esse país. A importância para mim com o acesso de pessoas quilombolas à Universidade é o reconhecimento e a valorização dos povos tradicionais na sociedade, dando oportunidades para que a nossa voz seja ouvida. A Universidade poderia aprender com as comunidades tradicionais de quilombo um pouco sobre o respeito e apreciação das histórias dos nossos ancestrais, o quanto nós como negros tivemos barreiras, mas vencemos e seguimos vencendo um dia de cada vez. Tendo em vista minha trajetória pessoal e acadêmica, sugiro que nossos acadêmicos, que pesquisam as comunidades quilombolas, tenham oportunidade de conhecer, de visitar as comunidades quilombolas, que a universidade apoie essa aproximação, que não sejam projetos teóricos apenas,

porque visitando e conhecendo pessoalmente o local, as diferentes comunidades, a universidade, professores(as) e estudantes podem estreitar laços com os povos e comunidades tradicionais. Ainda tenho interesse em uma proposta de pesquisa que visa o entendimento da ancestralidade através dos saberes e vivências culturais, experienciando conhecimento por meio das histórias que possibilitam entender a relação própria de uma educação multiculturalista onde pessoas com sabedoria de seus ancestrais e jovens com novos conhecimentos da atualidade se interajam entre eles compartilhando conhecimento. Tenho interesse em relacionar o ensino da educação básica na área da arte com o meio social da comunidade inserindo os moradores em projetos de contação de histórias, identificar o modelo de como as escolas da comunidade estão repassando as histórias vividas pelos seus antepassados, e acredito que no processo de elaboração e vivência da pesquisa, eu consiga mostrar um pouco de minha ancestralidade a todos.

4 A entrevista com Olindina Serafim

Olindina Cirilo Nascimento Serafim é quilombola da Comunidade de Córrego do Sapato, Quilombo de Sapê do Norte, no Espírito Santo. É professora efetiva da rede municipal de São Mateus-ES, Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Aplicadas "Sagrado Coração", Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É também titular do Fórum Estadual de Cultura Afro-brasileira e membro do Conselho Estadual de Igualdade Racial do Espírito Santo (CEPIR). Esteve à frente da Coordenação Estadual de Comunidades Tradicionais e Diversidade Religiosa na Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Espírito Santo (SEADH). Lançou no ano de 2020 o livro "O caminho do quilombo: histórias não contadas na educação escolar quilombola: Território do Sapê do Norte – ES", pela editora Appris.

Entrevistamos a professora Olindina, almejando escutá-la sobre a entrada e permanência do povo quilombola nas Universidades, e iniciamos nossa conversa com a seguinte pergunta: Professora Olindina, qual a importância da entrada e permanência do povo quilombola e seus Regimes de conhecimento nas universidades? Eis a resposta de Olindina Serafim:

Quero agradecer a vocês pela oportunidade, pelo convite. Dizer que para nós quilombolas, principalmente os jovens quilombolas, estar na universidade que não foi

criada, nem elaborada para nós, para o povo preto, porque pensar quilombola, pensar povo quilombola é pensar povo preto, então esta universidade que desde, digamos, os bancos escolares até os currículos, não foi pensada na pluralidade. Não é nem diversidade, é pluralidade, não foi pensada na pluralidade dos povos que vão adentrar a universidade. Então, primeiro que nós tivemos que cavar para ter essa entrada na universidade, depois pensar nessa permanência na universidade, para esse jovem compreender o processo que ele estaria vivendo na universidade, qual a acolhida que ele iria ter dentro dessa universidade e principalmente qual a finalidade, a partir do próprio curso, ele que escolhe o curso para estar nessa universidade, nas universidades brasileiras, ou ele é levado a escolher determinado curso?

Somente naqueles cursos que ele tem e teria a possibilidade de permanecer na universidade, nenhum de nós somos ingênuos e sabemos que tem cursos que por mais que os jovens negros quilombolas adentrem a esses cursos, se entrar três, meio desse fica lá e sai todo desfarelado, por mais que tenha toda uma rede para cuidar e proteger esse jovem para a permanência. Então a permanência na universidade, se tiver que fazer um recorte só para o jovem quilombola, ainda é algo muito penoso, muito doloroso para esse jovem a todo tempo.

11

Vou falar o exemplo do curso de Licenciatura do Campo, estou falando na minha realidade, mas a gente pode espelhar para pensar a nível de Brasil também, alguns dos jovens do Brasil desistiram e desistem. Só um exemplo, lá no Norte⁸, no curso, só uma professora teve um momento que estava orientando mais de vinte estudantes quilombolas, porque os outros professores, aí é os outros mesmo, eles não assumiam esses jovens quilombolas para orientar o TCC (trabalho de conclusão de curso), essa professora, ela tinha uma proximidade com a comunidade, com esses jovens, com o movimento quilombola, ela fez pesquisa em parceria com as comunidades, inclusive ela escreveu tanto a tese e a dissertação dela nas comunidades.

Essa professora da universidade ia assumindo esses alunos que os outros professores não se importavam de orientar e alguns desses estudantes ficavam pelo caminho. Então a permanência para os jovens quilombolas nas universidades, ou na universidade, no caso do Espírito Santo que só tem uma única universidade, é algo que ainda merece muita atenção mesmo com a bolsa, que chama de Bolsa Permanente da

⁸ Se refere ao território onde mora no Norte do Estado de Espírito Santo.

Fundação Palmares. No período da pandemia que as aulas eram *on-line* não tinha bolsa, não funcionou.

No meio do ano passado, no final do ano passado, esse ano de 2022, que os jovens começaram a novamente receber essa bolsa permanente que é um valor ainda irrisório porque os jovens ainda saem, no caso da licenciatura do campo, saem das comunidades ficam a semana fora, precisam se alimentar, mesmo que eles tenham um dormitório. Então a permanência é algo que o movimento quilombola, que as famílias quilombolas ainda precisam ter muita atenção e muito cuidado para esses jovens permanecerem na universidade.

Porque ainda não está confortável, ainda não há uma acolhida que eles precisam para estar naquele lugar, ainda é um não lugar para os jovens quilombolas e era para ser um lugar para os jovens, é uma universidade pública, com recursos públicos e é uma luta nossa do povo negro brasileiro as universidades, mas ainda é um lugar que não foi pensado para esses jovens, para esses adultos quilombolas estarem na universidade e aqueles que permanecem, que sabem qual o seu papel, porque estão lá e o que precisam fazer para estar lá, entendem que ao permanecer na universidade, naquele espaço é doloroso, mas também é um sinal de resistência, né?⁹

Concordamos com *Olindina Serafim* que a permanência dos quilombolas na Universidade é um sinal de resistência e ela, então, menciona o exemplo da “mulher guerreira” e afirma que ultimamente estamos cansadas de ser guerreiras, de carregar o fardo de ser uma mulher guerreira. Ela prossegue dizendo que:

O estudante quilombola na universidade, ele é um ato de resistência ou como diz um amigo nosso “as coisas pro negro são sempre mais difíceis”, então a permanência, permanecer na universidade para esse estudante quilombola é dizer para esse próprio sistema da universidade que ele já precisava ser modificado, que ele precisa acolher, ele precisa ser espaço para esse jovem quilombola, se esse jovem não tiver... não resistir e estar nesse espaço a perda maior é dele, é do povo dele, porque ali também transita o conhecimento, mas ali também é lugar que ele pode apresentar, não sei se pode, se é essa palavra... apresentar o conhecimento que ele tem, que ele trouxe, para fazer com que o espaço da universidade, seja esse espaço da pluralidade, que tenha os negros jovens quilombolas, sejam urbanos, sejam rurais. Que ali tenha, igual no nosso caso de São

Mateus, a universidade do CEUNES (Centro Universitário Norte do Espírito Santo), tem lá os movimentos sociais do campo, tem lá os jovens quilombolas, do MST, do MPA (Movimento de pequenos agricultores), de matriz africana, dizem para aquele lugar, aquela academia, que esse povo reside, existe, naquela região no norte do Espírito Santo ou no sul do Espírito Santo ou no Brasil. É o quilombola, os jovens, os assentados, os pequenos agricultores, os jovens e adultos da matriz africana, ou os ribeirinhos...

Olindina ressalta sua alegria em saber que em Minas Gerais há diversos quilombos, só ficando atrás, conforme a entrevistada, do Estado da Bahia. Ela continua sua fala questionando:

Imagine um dia se faz um encontro de jovens quilombolas das universidades de Minas Gerais? Se formos fazer lá no Espírito Santo, igual que temos lá no Norte, mesmo assim vamos ter uns cinquenta, cem jovens no Estado todo, mas imagina em Minas Gerais. Olha a cara da universidade, a universidade não é só do colonizador é também de quem foi colonizado e não aceitou a colonização. Porque quando estamos na universidade, nós negros e nós quilombolas, nós estamos dizendo que nós não aceitamos a escravização e nem a colonização, porque se nós aceitarmos, vão dizer “a universidade é só para os brancos, a universidade é só para os ricos”. Não. Porque fomos nós que construímos a universidade, desde colocar o tijolo, porque é trabalho negro que tá lá para construir o prédio físico. E o trabalho intelectual do negro? Porque Milton Santos tá aí pra confirmar isso, André Rebouças e muitos outros, Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos¹⁰, pra dizer que a universidade é pra nós sim, mas nós precisamos estar na universidade, para dizermos para a universidade “olha nós estamos aqui”.

Então queremos que o RU funcione muito bem pra gente, até porque muito de nós, conta com o alimento que tem no RU, porque vem com o dinheiro contado, já que a universidade não é do lado da minha casa, então eu tenho que contar com o transporte, com essa rede de auxílio para eu poder tá nesse espaço. Eu preciso fazer desse espaço um espaço melhor porque não estou só de passagem, o jovem quilombola, ou o adulto ou o idoso quilombola que tá na universidade, como eu, não tá ali só porque resolveu. Primeiro foi complicado, não vou nem dizer parto, porque parto é coisa boa¹¹. Então, estar na universidade para digamos, coletar e trocar, porque na universidade o jovem quilombola,

¹⁰ Importantes intelectuais negros brasileiros que nasceram no início do século XX e que, segundo ressaltou a entrevistada, já se encontraram.

¹¹ Após esta frase a entrevistada faz uma analogia entre os partos indígenas e os atualmente chamados de partos humanizados.

o campesino, o não quilombola, que tá na universidade ele não foi ali só para buscar conhecimento, ele não foi só buscar água que tá lá no rio, ele tá ali para trocar, para intercambiar, o que ele sabe, o que o mestre sabe, o que o próprio jovem urbano sabe, então se faz ali uma ciranda de trocas, não é “a jovem quilombola não trouxe nada e vai sair cheio”, se ele não trouxe nada, ele vai sair sem nada, então ele só vai sair cheio se ele trouxe algo para poder compor.

É um pouco do que eu penso, que a permanência na universidade, e claro que não é só a universidade que precisa fazer com que essa permanência aconteça, o próprio jovem quilombola ele precisa também fazer essa permanência acontecer, mas se ele não tiver as condições necessárias para essa permanência acontecer mesmo que ele tenha todas condições financeiras, ele também não vai permanecer. Então é preciso que se tenha essa rede de... eu não diria proteção, mas essa rede de cuidado, essa rede de atenção. Porque o jovem quilombola, o jovem estudante que tá ali ele não veio só buscar, ele também trouxe algo, esse algo pode compor. A universidade não pode ter esse olhar que se veio lá da Comunidade de Córrego do Sapato, não sabe nada, é um pobrezinho, é um negrinho. Não, não é um negrinho, é um jovem negro quilombola, é rural, mas que tem tudo que a universidade precisa para ela se humanizar, enquanto gente, enquanto povo e não tirar a humanidade do jovem que veio para universidade. Acontece muito isso, quando entra naquela porta da universidade tira essa humanidade quando o professor não dá muita atenção, ou quando começa a dizer “ouvi dizer que lá no quilombo é assim” e não pergunta como é. É melhor perguntar porque se eu não souber é porque eu não vivo em todos os quilombos, eu vivo em um e sou de uma comissão que acompanha 32.

Olindina explica que mesmo com a adesão de 32 comunidades quilombolas à comissão, alguns quilombos não são representados por esse ente, pois a adesão não é obrigatória. A entrevistada prossegue indicando caminhos que a universidade pode trilhar para contribuir com a permanência dos quilombolas. Diz:

Na universidade muitos jovens também quilombolas, mesmo que eles também não estejam no movimento quilombola, mas isso não quer dizer que ele não tenha que ter o necessário para ele tá ali na universidade, até porque a partir do que contribuir, ele pode pensar que é melhor tá no movimento, que é melhor ir junto participar da Marcha do encontro da juventude negra, porque poderia ser eu. Vou desenvolver, vou propor a uma pessoa para desenvolver uma pesquisa para saber como os jovens quilombolas fazem no final de semana? Como a juventude quilombola se movimenta? O que o jovem

quilombola escuta? O que ele faz quando tá em casa? Ele vai para a roça? Tem roça? Tem condições? O que tem na roça dele? Quais as tecnologias que tem na roça? E qual é a tecnologia que hoje pode desenvolver na universidade e que esse jovem pode utilizar na roça dele, na comunidade dele? Se for sei lá... da área da física, ele pode falar com o professor que poderiam desenvolver uma pá mecânica que gira pra cá e pra lá, “vou chamar meu pai pra um dia conversar com você”. Olha aí a universidade dando as condições necessárias para aquele jovem permanecer na universidade. Tirando do caminho o racismo institucional, porque pode o jovem chegar aqui e ir na secretaria e ouvir que precisa desse e desse documento de forma física, mas ele olha no celular. Jovem quilombola utiliza celular, os que trabalham têm, os que não trabalham, o pai ou a mãe trabalha. Qual a tecnologia que tem lá na comunidade e que os quilombolas utilizam e que podem ser melhoradas por meio da universidade, por meio das pesquisas?

Olindina cita o caso onde uma familiar precisou desembolsar uma quantia referente a análise que precisou fazer no solo da comunidade e sugere:

A universidade poderia desenvolver uma análise do solo das comunidades, de repente desenvolver o TCC sobre a escassez de água e quais as possibilidades, as formas que podem ser utilizadas para recuperar as nascentes, isso pode ser um projeto de pesquisa. Olha aí a universidade contribuindo para a permanência dos jovens, porque para desenvolver uma pesquisa sobre escassez de água ele precisa daqui (da universidade) e de lá na comunidade. Então ele é alguém útil na universidade, na comunidade, no município e no Brasil e daqui a pouco no mundo.

5 Considerações finais

Não é demais afirmar que o “diálogo” que aqui estabelecemos com as três interlocutoras, três mulheres negras quilombolas, nos apresenta necessárias reflexões sobre a entrada e permanência de quilombolas na universidade. Nesse sentido nos permitem compreender a importância da entrada de quilombolas na universidade, não apenas a partir de uma perspectiva de transformação de histórias individuais, mas do impacto para a coletividade dos quilombolas. Nos permitem reconhecer todo um processo de luta e resistência do movimento negro e quilombola para acesso e permanência no ensino superior, luta por território, por políticas públicas, por direitos! Nos convidam a

refletir sobre cotas e sobre desigualdades de acesso, a considerar que essa entrada e permanência tem a ver com trocas de saberes, com revisão de currículos, com problematização da relação professor-aluno-conhecimentos, com acolhimentos. Tem igualmente a ver com políticas de permanência entre as quais a garantia de bolsas cujos valores irrisórios precisam ser revistos. Tem profunda relação com uma maior aproximação entre a universidade e comunidades quilombolas, incluindo ampliação de diálogos e de pesquisas. Portanto, tem a ver com aprendizado do acolhimento, compromisso com coletividades e disposição para enfrentar o racismo ainda tão presente na universidade.

O diálogo aqui realizado reforça a importância da Lei Federal Nº 11645/2008, que altera a Lei Federal Nº 10639/2003 de modo a estabelecer a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino e que nos impele a promover a educação étnico-racial tanto na educação básica, quanto no ensino superior. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) orientam a implementação dessa legislação e deixam claro o alcance dela na educação superior.

16

O diálogo aqui realizado remete ainda à necessidade de fortalecimento da oferta de Educação Escolar Quilombola no país tal qual indicado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola (Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012), fortalecimento este que está atrelado a atuação das universidades na valorização da história e cultura afro-brasileira e indígena, na promoção da educação das relações étnico-raciais.

Não é demais lembrar a importância do Movimento Negro e Quilombola na aprovação desse conjunto de leis que são essenciais no processo de descolonização dos currículos. Conforme assevera Nilma Lino Gomes, importante educadora brasileira e referência para a educação das relações étnico-raciais no país, o Movimento Negro é um importante ator político, produtor de saberes essenciais para a construção de uma pedagogia antirracista, uma pedagogia da diversidade – pedagogia esta que incorpora diferentes sujeitos, saberes e práticas, corpos e culturas, indo além da escola. (GOMES, 2017).

E o Movimento negro tem chamado as instituições responsáveis por formação

humana à uma tomada de posição ética em face da diversidade que nos caracteriza enquanto escola e sociedade. (GOMES, 2007). Assim, não podemos deixar de ressaltar que a universidade tem muito a aprender com os povos e comunidades tradicionais. Conforme nos provoca Horácio (2022, p.30), trata-se de um exercício de “articular diferentes referências num “pensar junto””. E, conforme dissemos de início, almejamos que a interlocução empreendida nesse texto contribua para reforçar a imprescindibilidade da entrada e permanência de quilombolas na universidade, mas também dos seus saberes, vislumbrando o “pensar junto” para construir outros mundos possíveis, de mais justiça e amorosidade.

6 Referências

BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. D.O.U, de 10/01/2003.

BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de março de 2008**. D.O.U, de 11/03/2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. CNE/CP Resolução N° 01 de 17 de junho de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. CNE/CEB, Resolução N° 8 de 21 de novembro de 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: Algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.97-109.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

HORÁCIO, Heiberle H. Regime de conhecimento e Narrativas Xacriabá: “Educação Territorializada”, ecologias de saberes e políticas como alternativas epistemológicas. In: HORÁCIO, Heiberle H. **Educação, Interfaces, Saberes Tradicionais e Populares: reflexões a partir do Norte de Minas e contribuições concernentes**. Campinas/SP: Editora Canastra, 2022, p.16-35.

7 Agradecimentos

Nossos agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).